BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série Diplomacia ao alcance de todos

Coleção PAÍSES



QUÊNIA

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2011

O Organizador

Paulo Fagundes Visentini – Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisador do CNPq e do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). Coordenador do Centro de Estudos Brasil-África do Sul/CESUL. (paulovi@ufrgs.br)

O autor agradece a Larissa Monteiro, Bolsista de IC do NERINT e aluna do curso de Relações Internacionais da UFRGS, que colaborou na pesquisa.

Agradecemos a valiosa colaboração do
Embaixador da Quênia,
Sr. Peter Kirimi Kaberia,
pela verificação e atualização dos dados.

Coordenação, editoração, arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

QUÊNIA



Introdução

O Quênia é um país da África oriental, ex-colônia britânica. Gozando de relativa estabilidade e dispondo de uma moderna infraestrutura e um conjunto de parques naturais, o país tem sido um dos maiores destinos turísticos africanos. Da

mesma forma, são boas as perspectivas para o desenvolvimento.

Geografia e população

O Quênia possui uma superfície de 580 mil km², e faz fronteiras com a Somália a leste, a Etiópia e o Sudão ao norte, Uganda a oeste e a Tanzânia a sudoeste, além de ser banhado em sua parte oriental pelo Oceano Índico. Seu território possui diferentes climas e formas geográficas, sendo dividido em quatro regiões principais. Na parte centro-ocidental, há um conjunto de depressões do Vale do Rift, onde se abrigam os Grandes Lagos africanos, como Vitória e Turkana. O vale é rodeado por montanhas, algumas de origem vulcânica e possui seu ponto mais alto no Monte Quênia. O clima na parte leste das montanhas é moderado pela altitude e o solo é propício à agricultura e abriga a maior parte da população.

Na porção leste, o relevo é mais brando e há planícies. A parte costeira conta com chuvas regulares e uma vegetação tropical. O clima é tropical com ventos de monção. A parte mais a oeste é uma região de meseta árida, que é amenizada pela presença do Lago Vitória, onde as temperaturas são mais elevadas. Nairóbi, a capital do Quênia, possui um clima

agradável. A parte mais interior é pouco povoada e com baixas precipitações ao longo do ano. Os dois principais rios do país são o Galanae e o Tana. No Quênia se encontra a Floresta Mau, a maior no leste africano.

Dos 39 milhões de habitantes, apenas 22% da população do Quênia se encontra na área urbana do país, e a densidade demográfica é de 70 habitantes por quilômetro quadrado. O inglês e o suali são considerados os idiomas oficiais do país, apesar de haver pelo menos mais 50 línguas. A religião predominante é o protestantismo (45%). Cerca de 35% da população é católica e 10% é mulçumana. Além disso, 10% das pessoas praticam crenças indígenas. O povo queniano tem origem nos principais troncos étnicos africanos. Os mais expressivos são os Kikuyus e o Luos. Apenas 1% da população não tem origem africana são asiáticos, europeus e árabes. 73,6% da população é alfabetizada.

História

A região do Quênia foi rota de passagem de diversos fluxos migratórios e abrigou diversos reinos. Durante a Conferência de Berlim, na qual a África foi dividida entre as potências da Europa, foi decidido que ele seria um protetorado britânico. O monopólio

foi concedido à Companhia Imperial da África Oriental Britânica, que ficou, então, responsável pela administração do território.

A existência de terras férteis com clima ameno no planalto atraiu fazendeiros brancos que se estabeleceram na terra para produzir café e criar gado. A expulsão gradativa dos nativos levou à formação de uma oposição nacionalista. Essa oposição ganhou força com as duas guerras mundiais: criou-se um exército queniano que auxiliou o Reino Unido e depois se uniu para formar uma frente nacionalista. Na primeira Guerra Mundial, o país foi uma importante base militar britânica para enfrentar a Alemanha e, na segunda, para enfrentar a Itália. Essa situação levou, em 1921, à formação da Associação Central dos Kikuyu, que também passou a exigir poder.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o movimento nacionalista no país ficou ainda mais forte. Em 1944, foi fundada a União Africana do Quênia (KAU), que buscava uma melhor distribuição de terras e era liderada por Jomo Kenyatta. Na década de 1950, a sociedade secreta Mau-Mau se levantou contra o poder britânico. No entanto, a rebelião foi contida em poucos anos. Apesar disso, de Kenyatta ter sido preso e de a KAU ter sido banida, a Rebelião dos Mau-Mau foi de suma importância para a inde-

pendência do Quênia. Após seu fim, na Conferência de Londres, foram iniciadas as primeiras diretrizes para a formação de um Estado independente, que os ingleses manobraram para que fosse uma Federação com Uganda e Tanganika, sob influência dos colonos brancos.

Em 1962, houve eleições que permitiram a aliança entre os dois partidos quenianos, KANU – Outro Partido que foi liderado por Kenyatta quando foi libertado. Nas eleições de 1963, o partido KANU saiu vitorioso, tornando Kenyatta o primeiro-ministro do Quênia. Nesse mesmo ano, foi declarada a independência desse país, que se tornou membro da Commonwealth, e que, no ano seguinte, constituiu-se em uma República. Havia apenas a oposição da União Africana Democrática do Quênia (KADU), mas esse partido acabou por se incorporar ao KANU, fazendo com que o Quênia se tornasse um país unipartidário. O primeiro-ministro Kenyatta foi reeleito duas vezes e permaneceu no poder até sua morte, em 1978. O governo de Kenyatta foi relativamente tranquilo, sem rupturas nas instituições do país ou movimentos de secessão.

Depois da morte de Kenyatta, Daniel Arap Moi assume o governo do país. Seu governo vai até o ano de 2002 e é caracterizado por tendências autoritárias e por denúncias de corrupção, além de ter

concentrado o poder nas mãos de sua tribo, Kalenjin. Em 1991, o sistema de partido único foi abolido por meio de uma emenda na Constituição do Quênia. Em 1993, o país se aproximou do Banco Mundial e do FMI, que forneceram ajuda ao Quênia. Em 2002, Moi é susbstituido por seu ex-vice-presidente Mwai Kinaki, que foi candidato pela Coalizão Nacional Arco-iris (NARC). A reeleição de Kinaki, em 2007, foi permeada por alegações de fraude, o que culminou em um surto de violência, levando à morte cerca de 1.500 pessoas.

Política

Desde sua independência, em 1963, o Quênia tem vivido uma situação de grande estabilidade, se comparado aos níveis de conflitos enfrentados por seus vizinhos. A liberdade do país aumentou desde a restauração do multipartidarismo. Nas eleições de 1991 e de 1997, Moi e seu partido, KANU, venceram. Moi foi presidente por cinco vezes consecutivas. No seu último mandato, diversos problemas de caráter étnico que estavam adormecidos se manifestaram – o presidente concentrou o poder nas mãos de sua tribo Kalenjin–, além dos problemas administrativos ocorridos em seu governo. Essa situação levou ao enfraqueci-

mento da imagem do partido KANU. Em 2002, vence pela primeira vez um candidato da oposição. Uhuru Kenyatta, candidato do governo e filho do ex-presidente Jomo Kenyatta, foi derrotado por Mwai Kibaki.

A coalizão de Kibaki se manteve unida devido às promessas de reforma constitucional e de distribuição do poder entre as diferentes tribos. No entanto, o descumprimento das promessas causou tensões no país. Como em sua plataforma eleitoral havia a ideia do combate à corrupção, o governo, em 2003, apresenta projetos de lei para isso. O chamado Movimento Laranja concorreu às eleições no ano de 2007, mas, apesar de ter obtido a maioria parlamentar, não chegou à presidência. Kibaki foi reeleito, apesar das muitas alegações de fraude. Raila Odinga, líder do Movimento Laranja, não conformado com a derrota, iniciou manifestações que levaram a um massacre. Depois da intervenção da ONU, Kibaki e Odiga aceitaram assinar um acordo de conciliação chamado "National Accord and Reconciliation Act", com o qual se instituía um governo de coligação e a nomeação de Raila como Primeiro-Ministro.

A estabilidade encontrada no Quênia fez dele uma das regiões preferidas das potências Oci-

dentais. Elevados fluxos de investimentos internacionais, principalmente dos EUA e do Reino Unido, foram para esse país. No entanto, com o fim da Guerra Fria, o Quênia perdeu a posição privilegiada, mas continua recebendo auxílio e possui muitas empresas estrangeiras em seu território. O país já teve desentendimentos com países vizinhos, como o Sudão, mas foram superados. O Quênia participa da COMESA, assim como da Comunidade da África Oriental (EAC). Além das duas associações o Quênia faz parte da Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD). A participação nessa última permite que o país ajude na solução de conflitos como o que ocorre no Sudão, destacando o Quênia no cenário mundial.

Economia

Logo após sua independência, o Quênia teve taxas altas de crescimento, mas, na década de 1990, enfrentou uma queda em seu crescimento. Essa queda ocorreu devido à suspensão de ajuda do FMI e também à seca enfrentada pelo país. A recuperação se deu devido a melhora nas colheitas e à criação do mercado da Comunidade da África Oriental (EAC), criada em 1996 entre Uganda, Tanzânia e Quênia, e ao desenvolvimento do setor de serviços.

O tempo afeta tanto o Quênia por que um dos principais ramos de sua economia é a agricultura. Ela é responsável por boa parte do PIB e por grande parte dos empregos na região. O país produz café, chá, frutas e milho.

O Quênia, contudo, não se restringe a uma única área de atuação na economia. Além da agricultura, investe na pecuária e desenvolve a cultura de caprinos, bovinos e suínos, assim como, a psicultura, a avicultura e a extração de minerais. Um importante setor é o industrial. O país possui a indústria mais desenvolvida da região, possui boa infraestrutura e um bom setor de transporte. Inicialmente ela era voltada para a substituição de importações, atualmente está direcionada às exportações e ao mercado regional. A produção engloba artigos petrolíferos a comida enlatada. A indústria queniana é muito incentivada pelo investimento privado, principalmente dos EUA e da Inglaterra. Outro importante setor da economia é o turismo, uma das principais fontes de divisas do país. Contudo, conflitos e instabilidade social geram diminuição do fluxo turístico. Em 1991 registrou-se a visita de 800 mil turistas.

O papel do governo tem se tornado menor, o que preocupa os investidores e órgãos internacionais quanto à capacidade do Quênia de combater a cor-

rupção, que há muito tempo marca a história do país. O país tem cada vez mais seguido as diretrizes dadas pelos órgãos internacionais, abrindo a economia, e incentivando as privatizações e novos investimentos. A retomada dos investimentos e de ajuda financeira depende diretamente da estabilidade interna do Quênia.

Em 1997, o FMI suspendeu o programa de ajuda ao Quênia, o que impediu o governo de manter as reformas e de combater a corrupção. Por esse motivo, o PIB do país se contraiu na virada do século. Hoje, os principais parceiros comerciais do Quênia são o Reino Unido, a China, a Índia, os Países Baixos e Uganda. Entre as importações, destacam-se combustíveis, máquinas, veículos e plásticos.

O PIB PPP foi de 30 bilhões de dólares em 2009 e o PIB *per capita* alcançou US$ 786. A balança comercial do país há muito tempo tem apresentado déficit. As importações no ano de 2009, por exemplo, foram quase o dobro das exportações (9 bilhões de dólares e 4,4 bilhões, respectivamente). As exportações principais são chá, produtos hortículas, café, produtos derivados do petróleo, peixe e cimento. As importações abrangem maquinário e equipamentos de transporte, produtos derivados de petróleo, veículos motores, ferro e aço, resinas e plástico. A moeda nacional é o Xelim Queniano.

Dados Básicos

Nome oficial: República do Quênia

Forma de governo: República Presidencialista

Chefe de governo: Mwai Kibaki

Independência: 12 de dezembro de 1963

Capital: Nairóbi

Área: 582.646 km²

População: 39,8 milhões (2009)

Densidade demográfica: 68,31 hab./km² (2008)

PIB: US$ 34,5 bilhões (2008)

Moeda: Xelim queniano

Exportações: (US$) 4.080 milhões (2007)

Importações: (US$) 8.989 milhões (2007)

Principais produtos importados: máquinas e equipamentos de transporte, derivados de petróleo, veículos a motor, ferro e aço, resinas e plásticos.

Alfabetização: 73,6 %

Quênia


SUDAN
ETHIOPIA
Lodwar
Lake Rudolf
Moyale
Marsabit
Wajir
UGANDA
GREAT RIFT VALLEY
SOMALIA
KENYA
Eldoret
Mount Kenya
Meru
Kisumu
Nakuru
HIGHLANDS
Garissa
Lake Victoria
NAIROBI
Machakos
Lamu
Malindi
TANZANIA
Mombasa
INDIAN OCEAN
0 100 200 km
0 100 200 mi

Para saber mais:

COOPER, Frederick. *Africa since 1940.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
MAZRUI, Ali A. (Ed.). *Africa since 1935. General History of Africa – vol. VIII.* Oxford; James Currey/ Paris: Unesco, 1999.
MEHLER, Andreas, MELBER, Henning, anda WALRAVEN, Klaas van (Ed). *Africa Yearbook, 2007.* Leiden/Boston: Brill, 2008.
SELLIER, Jean. *Atlas de los pueblos de África.* Barcelona: Paidós, 2005.
VISENTINI, Paulo Fagundes. *A África na política internacional. O sistema inter-africano e sua inserção mundial.* Curitiba: Juruá, 2010.



FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br